

EMILY GIFFIN

O lugar  
do  
coração

Tradução de Cláudia Ramos

# 1

## marian

Sei o que se diz sobre os segredos. Já ouvi de tudo. Que podem atormentar-nos e dominar-nos. Que podem envenenar relações e separar famílias. Que, no final, só a verdade nos pode libertar. Talvez seja esse o caso de certas pessoas e de determinados segredos. Mas eu acreditei piamente ser uma exceção a essa regra e nunca dei-xei escapar o mais pequeno indício do *meu* segredo de duas décadas, nem jamais o partilhei com rigorosamente ninguém. Nem com as minhas melhores amigas, nos meus piores episódios de bebedeira, nem sequer com Peter, o meu namorado, nos nossos momentos mais íntimos. O meu pai nunca soube de nada e nem tão-pouco abordei o assunto com a minha mãe, a única pessoa que estava presente quando tudo aconteceu – quase como se as duas tivéssemos feito um voto de silêncio velado, permitindo-nos a ambas esquecer e seguir em frente. Mas jamais o esqueci, por um dia que fosse. No entanto, também acabei por me deixar convencer sinceramente de que, por vezes, o passado é *mesmo* passado.

Mas deveria ter pensado melhor. Deveria ter levado a sério aquelas palavras – as mesmas que espoletaram tudo naquela noite abrasadora, há tanto tempo: *podes fugir mas não podes esconder-te*.

Mas essas palavras, essa noite, *o meu segredo*, tudo se encontra profundamente afastado do meu espírito, agora que Peter e eu des-cemos a Bleacher Street depois de um magnífico jantar no Lupa, um dos nossos restaurantes favoritos em Nova Iorque. Após uma série de avanços e recuos, o inverno dá mostras de ter definitivamente

terminado e esta amena noite de primavera parece-nos ainda mais quente depois de termos emborcado a garrafa de Barolo que o Peter fez questão de encomendar. É das coisas que eu mais admiro nele – o seu excelente gosto associado à firme crença de que a vida é demasiado curta para vinho barato. Um lema que ele aplica a praticamente tudo, na verdade. O Peter é demasiado esforçado e generoso para ser considerado um snobe. Despreza os seus colegas mandriões, os rapazes dos *trust funds* que *nunca conseguiram nada por eles próprios*, mas é sem dúvida um elitista, habituado a circular pelos meios mais seletos e poderosos, desde a preparatória. Quanto a mim, não é que me sinta desconfortável nesse mundo, mas a verdade é que sempre vivi à margem dele até o Peter me levar para o seu fabuloso universo dos iates, jatos privados e casas de férias em Nantucket e St. Bart.

– Ah... finalmente acabou-se a lama nos passeios – disse, feliz por finalmente me ver empoleirada numas sandálias de salto e com um casaquinho leve pelos ombros, depois de meses inglórios de galochas e casacos pesadões.

– Podes crer... *Quel soulagement...* – murmurou o Peter, envolvendo-me os ombros com o braço.

Ele é provavelmente o único homem que eu conheço capaz de recorrer a expressões francesas sem soar insuportavelmente pretensioso – talvez por, como filho de uma manequim de *passerelle*, ter vivido grande parte da infância em Paris. Mesmo depois de, aos doze anos, se ter mudado para os Estados Unidos da América, só lhe era permitido falar francês em casa, resultando um sotaque impescável... apenas comparável aos seus requintadíssimos modos.

Sorriso e encosto a bochecha àquele ombro forte, deixando que ele me plante um beijo no cocuruto enquanto diz:

– E onde te apetece ir agora, Campeã?

Dera-me aquela alcunha depois ter levado uma abada minha numa disputadíssima partida de Scrabble no nosso terceiro encontro, a que se seguiu um segundo jogo – com *apostas duplicadas* –, o qual, obviamente, voltei a ganhar. «Calma aí, Campeã», dissera ele ao ver-me executar a dança da vitória à volta da sua cozinha. Rindo, eu caí no erro fatal de lhe dizer que esse era o nome do meu

cachorro de infância, um labrador da cor do chocolate, cego e coxo – cavando desde logo a minha própria sentença. O nome *Marian* fora rapidamente relegado para último plano e reservado exclusivamente para quando estávamos em grupo, no auge da paixão carnal ou nas nossas (raras) discussões.

– Que tal uma sobremesa? – sugiro ao dobrarmos a esquina.

Ainda ficamos na dúvida entre os *cupcakes* do Magnolia e os *cannolis* do Rocco's, acabando por concluir que estamos demasiado empanturrados para o que quer que seja. Assim, optamos por passear num silêncio confortável por entre os bares e cafés e os seus magotes de gente feliz e satisfeita. Até que, inspirada pelo vinho e pelo clima e pelo aroma da colónia dele, dou por mim a dizer:

– Que tal casarmos?

Aos trinta e seis anos – e passada quase uma década de namoros inconsequentes – já ando com aquela ideia na cabeça há uns tempos. É esse, aliás, o tema número um de conversa e especulação entre os meus amigos. Mas esta noite marca a primeira vez em que abordo diretamente o assunto com o meu namorado – e de imediato me arrependo pelo meu *lapso de disciplina*, preparando-me desde logo para uma resposta pouco agradável. Como já era de esperar, o espírito daquela noite altera-se automaticamente e sinto-lhe agora o braço tenso à volta dos ombros. Digo a mim mesma que não é necessariamente um mau sinal; pode ter sido apenas uma questão de *timing* errado da minha parte. Ocorre-me inclusivamente que ele até já pode ter a aliança consigo – e que a sua reação se justifica por eu lhe ter *estragado o momento*, digamos assim...

– Oh, esquece – digo-lhe, com uma risadinha forçada e esganiçada, que serve apenas para piorar as coisas. É como tentar engolir um «eu amo-te» ou desfazer uma *one night stand*: impossível.

– Campeã... – diz ele, fazendo uma pausa. – Nós damo-nos tão bem...

A frase soa carinhosa, e até promissora, mas está longe de representar uma resposta – e eu não resisto a fazer-lho sentir:

– Pois... e isso quer dizer o quê *exatamente*? «Deixemos as coisas assim?» «Bora procurar um cartório aberto?» Um meio-termo entre as duas coisas?

Aproveitando o meu tom desprendido e brincalhão, o Peter resolve entrar no espírito:

– Afinal... está mesmo a apetecer-me um *cupcake*.

Não acho piada. A imagem de um diamante de corte esmeralda enfiado num dos seus *mocassins* italianos desvanece-se rapidamente.

– ‘Tou a gozar – apressa-se ele a acrescentar, puxando-me mais para si. – Podes... repetir a pergunta?

– Casamento. Nós. O que é que pensas? – lanço-lhe eu. – Alguma vez... pensas nisso?

– Sim. É claro que sim...

Sinto a iminência de um *mas*, um pouco como quando conseguimos sentir a chuva na cara logo a seguir ao ribombar de um trovão. E é claro que o *mas* chega:

– Mas o meu divórcio acabou de sair.

Outra resposta evasiva.

– Pois... – digo eu, com uma inevitável sensação de derrota.

Vejo-o a olhar demoradamente para a montra escura de uma papeleria, parecendo interessadíssimo nos diversos modelos de papel de carta timbrado e canetas Montblanc. Tomo nota mental de lhe comprar uma, esgotada que está já a minha lista de «o que oferecer a alguém que já tem tudo» – sobretudo alguém tão meticoloso quanto o Peter. Botões de punho, gadgets eletrónicos, estadas românticas de cama e pequeno-almoço em paraísos rústicos de New England. Até uma escultura da Lego de um alce, a mascote não oficial da sua adorada Dartmouth<sup>1</sup>...

– Mas o teu casamento já acabou há anos. Pelo menos há quatro que já não vives com a Robin – faço-lhe notar.

É algo que eu lhe faço ver frequentemente, se bem que nunca neste contexto; geralmente quando estamos com outros casais, temendo que alguém me veja como a *culpada* – a amante que surgiu em cena para roubar o marido à legítima. Ao contrário de algumas das minhas amigas, altamente especializadas em homens casados,

---

<sup>1</sup> Dartmouth College, universidade localizada na cidade de Hanover, no estado de New Hampshire.

eu jamais ousara ultrapassar a fronteira do aceno cordial ou do copo amigável com um homem comprometido. Tal como nos meus anos de namoricos antes de conhecer o Peter, nunca tive paciência para esquemas ou joguinhos dúbios, fobias ao compromisso ou outro qualquer sintoma do Síndrome de Peter Pan – um fenómeno aparentemente epidémico, pelo menos em Manhattan. Em parte por uma questão de princípios e de amor-próprio; mas também por uma questão de puro pragmatismo, de *engenharia de vida* de uma trintona. Sempre soube exatamente o que queria – *quem* queria – e sempre acreditei conseguir lá chegar por via do empenho e da determinação, tal como sempre fizera ao longo da minha carreira na televisão.

Ora, *essa* estrada também não se tinha revelado nada fácil. Logo depois de me ter licenciado na Faculdade de Cinema da NYU, mudei-me para L.A. e arranjei emprego como humilde assistente de produção na Nickleodeon, numa série de adolescentes que durou pouco. Depois de dezoito meses a tentar decorar (sem me enganar) pedidos de almoços – e sem escrever uma linha que fosse para a série –, arranjei trabalho numa equipa de guionistas de uma série médica. Foi fabuloso: aprendi imenso, fiz grandes contactos e a experiência representou um valioso percurso para chegar a editora. Mas não tinha vida própria e, verdade seja dita, estava-me pouco ralando para a série. Então, um belo dia resolvi arriscar e deixar a estabilidade de uma série de sucesso para voltar para Nova Iorque – onde encontrei uma casinha fantástica (com um jardim minúsculo incluído) em Park Slope. Para pagar as contas, vendi uns quantos episódios-piloto (sem garantia de produção) e trabalhei como freelancer em séries já existentes. O meu local de eleição para escrever passou a ser um barzinho de gestão familiar chamado Aggie's, onde me era permitido assistir aos dramas diários *reais* travados entre os quatro irmãos da família, sendo muitos deles inspirados pelas respetivas esposas e pela matriarca da família, de ascendência irlandesa. Às tantas, percebi que estava a esquecer os meus outros projetos para me dedicar de alma e coração a construir aqueles personagens e, quando dei por ela, tinha nascido a *South Second Street* (passando o bar da Brooklyn atual para a Filadélfia dos anos 70).

Não se revelou um *alto conceito*, como tudo no universo da televisão parecia estar a tornar-se. Mas, sendo eu da velha guarda, acreditei ter conseguido, com a minha escrita e os meus personagens e sem recurso a artifícios, criar um mundo credível e absorvente. O meu agente também acreditou em mim e, depois de me ter obrigado a impingir o episódio-piloto às mais importantes cadeias de televisão do país, gerou-se uma verdadeira guerra de licitações. Optei pela oferta que pagava menos (mas ainda assim o suficiente para eu poder mudar-me para Manhattan) mas que me dava maior liberdade criativa. *Et voilà!* O meu sonho converteu-se em realidade: tornei-me, finalmente, produtora executiva. Dona da minha própria série.

Até que, um intensíssimo ano depois, conheci o Peter. Há muito que eu já o conhecia de nome, não apenas no meio onde me movia, como pelas tricas e mexericos da Variety: Peter Standish, o famoso e muito apreciado produtor de televisão aterrou na estação, diretamente saído da concorrência, surgindo como o tão desejado messias, determinado a dar a volta às audiências e modernizar a identidade do canal. Como novo CEO, ele era tecnicamente meu patrão – o que o incluía fatalmente na minha irrefutável categoria de «homens com quem não sair». No entanto, naquela manhã em que choquei com ele no Starbucks da nossa recepção, vi-me forçada a conceder-me uma exceção a essa regra – com a desculpa de não estar diretamente sob a sua alçada. Além disso, eu já estava consagrada e com nome feito. A minha série era considerada um *êxito moderado* – uma proeza e peras para um programa de época baixa –, daí que ninguém me podia acusar de me estar a servir dele para avançar na carreira.

É claro que nessa manhã, comigo atrás dele na fila e ouvindo-o a pedir um *cappuccino duplo com leite desnatado*, essa questão passou a ser completamente teórica. Ele não usava aliança (reparei logo), mas assumiu uma imediata postura de *indisponível* quando eu lhe toquei no ombro e me apresentei, soprando uma nota breve e profissional de boas-vindas. Sabia a idade dele através do *press release* que ainda mantinha na minha caixa de entrada – quarenta e sete –, mas, com a sua farta cabeleira escura, ele pareceu-me bem mais novo. Era também mais alto e encorpado do que eu esperava,

tudo numa escala maior, incluindo as mãos que seguravam o copo do *cappuccino*.

– Prazer em conhecê-la, Marian – disse ele com um leve (e adorável) inclinar de cabeça.

Deixou-me pedir o meu *latte* e aguardou ao meu lado que o empregado mo preparasse, comentando que eu tinha feito um excelente trabalho com a minha série.

– E a série já tem um considerável grupo de fãs, não é verdade?

Assenti modestamente, tentando não me centrar demasiado na elegância do fato dele, ou na atraente covinha do seu queixo perfeito: quadrado e impecavelmente barbeado.

– É verdade, sim. Até agora temos tido sorte. Mas ainda podemos fazer melhor para agarrar as audiências... Já viu algum episódio?

Era no mínimo *ousado* pôr o patrão do nosso patrão numa situação embaraçosa, e eu soube desde logo a resposta pela hesitação dele, vendo-o debater-se sobre se haveria ou não de assumir que nunca tinha visto a minha série.

Lá acabou timidamente por admitir que não, acrescentando à laia de desculpa:

– Prometo que logo à noite vejo.

Fiquei com a nítida sensação de que ele era *realmente* um homem de palavra – reputação que herdara num mundo pululado de filhos da mãe falsos e egocêntricos.

– Bom, pelo menos sabe que dá às quintas à noite – observei eu, com um sorrisinho.

Senti uma fortíssima onda de atração e – pasme-se! – percebi que era recíproca. Há muito que eu não sentia algo minimamente parecido com *química* em relação a alguém – pelo menos alguém tão *oficialmente disponível*.

Na manhã seguinte, e para meu deleite, chegámos ambos ao Starbucks novamente à mesma hora, 7:50 da manhã, e eu não pude deixar de me perguntar se ele teria feito de propósito – como *eu* fizera.

– E então, o que é que achou? – perguntei, num estranho acesso de pudor que não era nada o meu género, sobretudo no trabalho. – Chegou a ver?

– Vi, claro. E adorei – declarou ele, pedindo a mesma bebida da



véspera, mas optando pela cobertura de natas batidas, o que provou que era espontâneo – mais um ponto a seu favor. Senti-me corar ao agradecer-lhe.

– História muito bem escrita, excelente representação... Aquela Angela Rivers é o máximo, não é?

Referia-se à nossa ruiva e excêntrica protagonista que muita gente comparava à Lucille Ball e que já se revelava uma séria candidata ao Prémio Revelação. No decorrer do casting, gerou-se até uma certa polémica quando a escolhi em detrimento de outra atriz bem mais conceituada – o que acabou por se provar ser uma das melhores decisões que tomei como produtora.

– Sim – concordei. – Já a estou a ver com um Emmy num futuro próximo.

Ele concordou com um aceno e um meio-sorriso. E disse:

– Ah, é verdade... Não só vi o episódio de ontem, como fui à net procurar o episódio-piloto. E o resto da primeira temporada. Acho que mereço um agradecimento por ter dormido menos de quatro horas esta noite, não?

Não pude deixar de rir:

– Um café a meio da tarde – sugeri-lhe à medida que nos dirigíamos para os elevadores. – Faz maravilhas.

– Parece-me bem. Quatro e meia? É uma boa hora para si?

Acedi, sentindo imediatamente a pulsação acelerar e começando desde logo a contar os minutos que faltavam para as quatro e meia – nesse dia e nos que se seguiram nas semanas posteriores. Passou a ser um ritual nosso, ainda que, quanto mais não fosse pelas aparências, fingíssemos não passar de meras coincidências.

Até que um dia, depois de eu lhe ter referido a minha paixão por chapéus, um estafeta deixou na minha secretária uma caixa do Barneys<sup>2</sup>. Lá dentro estava uma fabulosa boina preta de gorgorão, com um cartão que dizia: *Para a Marian, a única rapariga que conhece em quem isto vai ficar bem.*

Precipitei-me a ligar-lhe para o direto, encantada por lhe ouvir a voz ao segundo toque.

---

<sup>2</sup> Grandes armazéns nova-iorquinos.

– Obrigada – disse-lhe.

– De nada – retorquiu ele com o que me pareceu ser um amplo sorriso.

– Adorei – murmurei, sorrindo-lhe de volta.

– E quanto ao cartão? Gostaste do *rapariga*? Ainda hesitei entre *miúda*... ou *mulher*...

Aquilo só mostrava que ele se preocupava – e que podia ser vulnerável. Dei por mim a apaixonar-me um bocadinho mais.

– Gosto de *rapariga* vindo de ti – disse. – E adoro a boina. Mas ainda bem que não escolheste a cor framboesa.

– Ou outra, daquelas *intage* que se vendem em lojas de segunda mão... Se bem que adorasse ver-te com uma dessas.

Ri-me, sentindo-me corar e com borboletas no estômago, qual adolescente, pensando quando o ouviria por fim a convidar-me oficialmente para sair.

Três dias depois fomos para Los Angeles, para assistir aos Emmys, no jato privado da estação. Se bem que a minha série não tivesse sido nomeada, vivemos um ambiente de grande euforia – e eu nunca me senti tão feliz e realizada na minha carreira. Entretanto, também eu e o Peter nos sentíamos envoltos numa onda de rumores, originados, sem dúvida, pelos nossos frequentes cafézinhos juntos. Mas saímos lindamente na *red carpet*, e ainda melhor nas *after parties*, até deixarmos ambos de aguentar mais um segundo que fosse e ele enviar-me uma mensagem que ainda hoje guardo no iPhone: *Esse vestido é deslumbrante*.

Sorri, feliz não só por ter despendido uma quantia obscena no vestido Alberta Ferretti mas por ter optado pelo verde-esmeralda em vez do meu preto habitual. Sentindo-me corar, voltei-me para olhar na sua direção quando senti outra mensagem a entrar: *Se bem que ficasse muito melhor no chão do meu quarto...*

Corando ainda mais, se é que era possível, abanei a cabeça com um meio-sorriso enquanto lia a terceira e última mensagem: *Mas prometo que não tentarei comprovar essa teoria se vieres agora ter comigo. Quarto 732*.

Menos de dez minutos depois estávamos no quarto dele, finalmente sós, sorrindo um para o outro. Achei que ele me ia beijar

imediatamente, mas ele mostrou uma certa reserva que se revelou irresistível – cada vez mais irresistível a cada taça de champanhe que eu ia bebendo. Fomos ficando cada vez mais inebriados, enquanto conversávamos sobre tudo e mais alguma coisa – o panorama televisivo em geral, a nossa estação, a minha série, os mexericos sobre os atores e os dramas dos executivos. Ele falou-me no Aidan, o filho de treze anos, e no seu processo de divórcio em curso. Ainda que, na brincadeira, ele se referisse à mulher como *a demandante*, não tentou fazer dela a má da fita, o que eu considerei uma refrescante mudança no panorama sombrio dos divorciados lamúrias e ressabiados com quem eu me dera ultimamente. Falamos de viagens, de países que conhecemos, de cidades de eleição e hotéis favoritos. E de onde gostaríamos de ir um dia – literalmente mas também em termos de carreira. Éramos diferentes em certos aspetos – eu preferia as Caraíbas ou os destinos cosmopolitas tradicionais como Roma ou Londres, enquanto ele adorava meter-se em aventuras exóticas, como o percurso de bicicleta que fez pelo Triângulo Dourado, na Tailândia, ou a longa caminhada até ao topo do vulcão Pacaya, na Guatemala. O Peter revelou ter dado passos igualmente arriscados nos negócios, que obviamente acabaram por compensar, enquanto eu, regra geral, evitava o conflito e preferia agarrar-me apenas a coisas que apresentassem resultados, por tímidos que fossem. Mas no cômputo final, tínhamos sensibilidades muito semelhantes – como a constante e eterna busca pela excelência e nunca nos resignarmos; a paixão por Nova Iorque e tudo o que lhe dissesse respeito; um espírito levemente conservador, pautado pela filosofia subjacente do *vive e deixa viver*, independentemente de crenças políticas ou religiosas... Ele era atraente, confiante, inteligente e atencioso – o mais próximo que eu jamais vira da *perfeição*.

Por fim, quando o céu da Califórnia tratou de revelar os primeiros traços de rosa-pálido, ele estendeu a mão para a minha, puxou-me para o colo e beijou-me como eu já não me lembrava de ser beijada... Minutos depois dissemos «boa noite», depois rimos e emendámos para «bom dia».

Poucas semanas depois já éramos um casal assumido e estável, tendo tido inclusivamente a velha conversa do «não vou querer estar com outras pessoas». Uma noite fomos fotografados a jantar

juntos e no dia seguinte aparecemos na *Page Six*<sup>3</sup> com a legenda: «Poderosos e Apaixonados: o executivo de televisão Peter Standish com a produtora Marian Caldwell». À medida que recebia telefonemas de amigos e conhecidos, que tinham lido a revista, dei por mim a experienciar um misto de sensações: às vezes aborrecida, outras vezes divertida... mas lá no fundo adorei tudo aquilo – guardando amorosamente o recorte para os nossos futuros filhos. E tudo poderia ter sido apenas demasiado bom para ser verdade, não fosse eu acreditar, piamente e desde sempre, que poderia – e conseguiria – encontrar alguém como ele.

Mas talvez tudo fosse *de facto* demasiado bom para ser verdade – dou por mim a pensar agora, olhando de relance para ele enquanto dobramos a esquina, de mãos dadas. Talvez tenhamos chegado ao fim da linha. Talvez isto nunca venha a ficar melhor. E talvez eu seja apenas *mais uma*, afinal de contas. Uma daquelas que ou esperam ou se conformam – quem sabe a combinação das duas. Senti um misto de raiva e desilusão dentro de mim. Raiva por ele, mas ainda mais por mim própria, por não ter encarado o facto de que quando alguém evita um assunto é sempre por alguma razão.

– Acho que vou para casa – disse-lhe, após um longo silêncio.

Esperei ardentemente que aquela minha declaração não soasse a autocomiseração ou a chantagem emocional, duas coisas que jamais resultam numa relação – sobretudo com um homem como o Peter.

– Então?... A sério?

Apreendo-lhe uma certa *desistência* no tom de voz, em vez de uma *apreensão preocupada* que, confesso, preferia ter ouvido. Era sempre tão controlado, o Peter... tão comedido. E embora eu sempre tivesse adorado isso nele, agora irritava-me. Ele parou de repente, voltou-se para mim e olhou-me nos olhos, tomando as minhas mãos nas suas.

– Sim. Estou mesmo cansada – menti, retirando as mãos.

– Marian... Não faças isto – protestou ele com muito pouco entusiasmo.

---

<sup>3</sup> Revista que vem encartada com o *New York Post*, especializada na vida social, com as habituais tricas e mexericos.

– Não estou a fazer nada, Peter – digo-lhe. – Estava apenas a tentar ter uma conversa contigo e...

– Ótimo – disse ele, meio exasperado, só lhe faltando revirar os olhos. – Vamos ter uma conversa, então.

Engulo o meu orgulho e, sentindo-me péssima, murmuro:

– Ok... Bom, antes de mais, responde: equacionas casares-te novamente? Ou teres outro filho?

Ele suspirou longamente, começou a falar, calou-se, tentou de novo:

– Não sinto falta de nada na minha vida, se é isso que queres saber. Tenho o Aidan. Tenho-te a ti. Tenho o meu trabalho... A vida corre-me lindamente. Mas eu amo-te *mesmo*, Marian. *Adoro-te*. E tu sabes disso.

Fico à espera de mais, pensando como lhe será fácil calar-me e sossegar-me com uma promessa pouco concreta: *Não sei exatamente o que vejo no meu futuro, mas vejo-te na minha vida*. Ou: *Quero fazer-te feliz*. Ou mesmo: *Não descarto hipótese alguma*. Qualquer coisa. Seja o que for.

Mas, em vez disso, ele limita-se a dedicar-me um olhar desamparado – no preciso momento em que se materializam dois táxis mesmo à nossa frente, numa coincidência a que eu atribuo toda a sorte de significados. Faço sinal a um deles e forço um sorriso tenso.

– Falamos amanhã, ok? – digo, tentando guardar os últimos resquícios da imagem de mulher forte e independente e perguntando-me se será apenas isso: uma imagem.

Ele assente com um gesto de cabeça enquanto eu lhe aceito o beijo fugaz na bochecha. Depois entro para o táxi e fecho a porta, com cuidado, tanto para não bater com ela como também para não olhar para ele à medida que nos afastamos, em direção ao meu apartamento no Upper East Side.

Meia hora depois, vejo-me enfiada no meu mais velho pijama de flanela – o mais confortável –, sentindo-me infelicíssima e cheia de pena de mim mesma, quando oiço o toque do intercomunicador.

*O Peter.*

Sinto uma forte – e vergonhosa – pontada no coração e,

profundamente aliviada, corro para abrir a porta da rua. Depois fico a olhar para a porta de casa com o mesmo anseio com que o meu labrador *homónimo* Campeão costumava aguardar pelo carteiro. Imagino-me a fazer as pazes com o Peter, a fazermos amor, quem sabe até a fazermos planos futuros... Nem sequer preciso de uma aliança ou da promessa de um bebé, devo confessar, desde que perceba que ele sente o mesmo que eu. Que nos consegue imaginar a partilhar uma vida juntos. Que não consegue imaginar-nos separados. E insisto em dizer a mim mesma que não se trata de assentar: bem pelo contrário, é aquilo que fazemos por amor.

Mas, segundos depois, deparo-me com a triste realidade de não ser o Peter a bater-me à porta e sim uma jovem de rosto anguloso e estreito, e um queixinho pontiagudo. Pequena, delgada e muito branquinha, é quase bonita – ou pelo menos poderá sê-lo daqui a uns anos. Vestida como uma adolescente típica, sem desprezar a mochila XL e o colar com o símbolo da paz, exhibe no entanto um certo ar distinto que me diz que não é uma maria-vai-com-as-outras.

– Olá – digo, concluindo que o mais certo será ter-se enganado no apartamento... ou querer vender-me alguma inutilidade.  
– Posso ajudá-la?

Ela aclara a garganta, muda o peso do corpo para a outra perna, e pergunta, numa voz sumida e áspera:

– A senhora é a Marian Caldwell?

– Sou – respondo, curiosa e expectante.

– Chamo-me Kirby Rose – apresenta-se ela finalmente, ajeitando o longo e sujo cabelo loiro atrás das orelhas, invulgarmente grandes para aquele corpinho, e baixando de imediato os olhos para as coçadíssimas botas da tropa pretas.

Quando os nossos olhos se reencontram, apercebo-me de que os dela são de um tom invulgar – azul acinzentados e contornados a preto – e é nesse instante que percebo *exatamente* de quem se trata e o que a traz aqui.

– Você é...

Tento acabar a frase mas não consigo sequer respirar, quanto mais falar.

Vejo-lhe o queixo tremer ao assentir timidamente com a cabeça, enfiando de seguida as mãos nos bolsos dos jeans, rotos no joelho esquerdo.

Fico literalmente paralisada, antecipando as palavras que sempre imaginei e temi, aquelas que mais receei ouvir, as mesmas com que sonhei ao longo dos últimos dezoito anos. Até que, quando achava que o meu coração descompassado poderia explodir a todo o momento, ouvi-a finalmente proferi-las:

– *Eu acho que a senhora é a minha mãe.*